

Pelo renascer da AURORA

Aurora, apresentado no Cine Santana, na programação do 38ª Edição do Festivale, dirigido por Gabriela Alcofra e com dramaturgia de Carla Kinzo, se destaca por sua abordagem sensível e incisiva sobre a vida e a obra de Aurora Cursino, artista plástica que nasceu em São José dos Campos no final do século XIX. Ao resgatar a trajetória de uma mulher que existiu, resistiu e libertou-se de opressões históricas, a peça amplia esse debate para questões universais da experiência feminina, ancorando-se em uma narrativa visual que dialoga profundamente com a temática.

A dramaturgia de Carla Kinzo evita o didatismo, optando por uma estrutura poética que tece a trajetória de Aurora como um eco das vivências femininas contemporâneas. Em vez de se limitar à biografia da artista, a peça propõe reflexões sobre os papéis impostos às mulheres e as formas de resistência que elas encontram, sempre ancorada em uma abordagem profundamente visual e sensorial.

O cenário, de Ana Cláudia Prates, ao mesmo tempo simples e simbólico, se vale de materiais e texturas que evocam tanto o ateliê de uma artista quanto os fragmentos de uma memória em reconstrução. Objetos deslocados, telas inacabadas e superfícies que parecem ter sido tocadas pelo tempo criam um ambiente que é simultaneamente íntimo e histórico. Essa plasticidade permite que a cena se transforme continuamente, acompanhando o fluxo das emoções e da narrativa.

Mais do que um espaço fixo, a cenografia é um organismo em mutação. As projeções do vídeo mapping de Daniel Corbani interagem com os elementos

cenográficos, dando a impressão de que os pensamentos e as pinturas de Aurora ganham vida diante dos olhos do público. Esse diálogo entre o físico e o digital reforça a dualidade entre a concretude da arte e a intangibilidade das emoções.

Os figurinos assinados por Marcela Puppio trazem uma narrativa própria. Cada peça parece carregada de significados, alternando jalecos, aventais e roupas elegantes do universo da artista. Essa oscilação reflete os contrastes da vida de Aurora: a opressão das convenções sociais e a liberdade alcançada através de sua arte.

A presença de Helena Xavier em cena cria uma quarta camada de atuação se fundindo às atrizes. Integrada ao espaço cênico, ela se torna uma figura quase onírica, uma guardiã sonora das memórias e emoções de Aurora. Suas músicas, executadas ao vivo, não apenas acompanham a ação, mas a moldam, criando atmosferas e pontuando momentos-chave da narrativa.

A combinação de instrumentos e sons experimentais evoca tanto o universo interno da protagonista quanto os contextos históricos e sociais em que ela viveu. O ato de tocar ao vivo também reforça a ideia de que o espetáculo é um organismo vivo, sempre em transformação.

A iluminação de Gabriela Celani desempenha um papel central na narrativa visual, criando atmosferas que transitam entre o opressivo e o libertador. A parceria com o vídeo mapping potencializa essa dimensão, projetando imagens que evocam tanto o universo pictórico de Aurora Cursino quanto as paisagens emocionais e sociais que ela habitava. As projeções não apenas ilustram, mas também interagem com as atrizes, conferindo à cena um dinamismo que desafia os limites entre o real e o simbólico.

Um dos aspectos mais marcantes de Aurora é a escolha de dividir a personagem-título entre as três atrizes – Ana Claudia Prates, Izildinha Costa e Marcela Puppio. Essa decisão dramaturgica e cênica confere à protagonista uma dimensão polifônica que reflete a complexidade da experiência feminina.

Cada atriz dá voz aos diferentes aspectos de Aurora Cursino: sua força criativa, suas angústias, sua resistência e sua liberdade. Essa fragmentação simbólica reforça a ideia de que Aurora não é apenas uma figura histórica isolada, mas uma representação de muitas mulheres que viveram, e ainda vivem, em busca de se libertar das amarras sociais e pessoais.

A interação entre as três intérpretes não é apenas complementar, mas dialética, revelando o íntimo, o social, e o artístico da obra de Aurora. Juntas, constroem uma personagem que é, ao mesmo tempo, uma só e muitas. Essa abordagem polifônica ganha ainda mais força pela entrega emocional e corporal de cada atriz, cujas vozes e gestos ressoam como ecos de resistência e liberdade.

Essa escolha dramaturgica e de direção reforça a potência coletiva do feminino: Aurora não é apenas uma mulher, mas todas as mulheres. É uma construção que não só homenageia a personagem histórica, mas também dá espaço para que o público se identifique e reflita sobre as múltiplas vozes que habitam cada indivíduo.

Aurora é um manifesto artístico sobre resistência, libertação e memória. A narrativa visual e a construção da visualidade são o coração do espetáculo, traduzindo em imagens e sensações o que palavras sozinhas não poderiam. Trata-se de uma obra que celebra a potência feminina ao mesmo tempo que denuncia as estruturas que

buscam apagá-la, criando uma experiência cênica marcante e necessária, potencializadas nos relatos do público ao final do espetáculo.

Em tempo: A inclusão de Aurora no festival evidencia o cuidado dos curadores - Fabiana Monsalú, Reginaldo Nascimento e Simone Carleto - em trazer obras que transcendam o entretenimento, proporcionando ao público a oportunidade de dialogar com questões centrais de nossa sociedade. O espetáculo, ao abordar a vida de Aurora Cursino, uma mulher e artista que resistiu às limitações de seu tempo, reflete o compromisso da curadoria em destacar histórias de luta, resistência e criatividade, especialmente no que diz respeito à vivência feminina.

Além disso, a curadoria se mostrou atenta à integração entre estética e política, transitando entre os conceitos de hibridismo e contemporaneidade, criando um mosaico de espetáculos que abordam desde questões de identidade e memória até a afirmação do papel transformador da arte. Esse olhar é fundamental para manter o festival como uma plataforma de relevância cultural e artística.

Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador, crítico e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp, onde tem Mestrado em Artes, e jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes e do Prêmio Arcanjo de Cultura